

## A LINGUAGEM MUSICAL NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

### MUSICAL LANGUAGE FROM THE PERSPECTIVE OF THE CULTURAL HISTORICAL THEORY

Marcelo Schaedler Massário<sup>1</sup>  
 Juliane Marschall Morgenstern<sup>2</sup>  
 Noemi Boer<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este artigo tem por objetiva geral descrever a linguagem musical sob a perspectiva da teoria histórico-cultural, conforme Vygotsky, seu principal representante. Neste sentido, procura-se também entender o conceito de mediação, como elemento articulador entre linguagem musical e o fenômeno pedagógico, produzido nos enredos intersubjetivos de professores e alunos. Nessa perspectiva, e com as contribuições da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que integra a música no ensino de Arte, identifica-se a relevância da linguagem musical na formação cidadã de estudantes da Educação Básica. O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, amparada em obras originais de Vygotsky e de outros autores que escrevem a respeito da temática em questão, para embasamento aprofundado. Constatou-se que a música, enquanto linguagem, é dinâmica cujas habilidades e ações, construídas socialmente, são mediadas na interação professor-aluno. Portanto, a leitura que se faz da música, enquanto linguagem, não pode prescindir do caráter histórico-cultural, subjacente a toda e qualquer manifestação cultural.

**Palavras-chave:** Teoria histórico-cultural. Música. Linguagem. BNCC.

#### ABSTRACT

*This article has the general objective of describing musical language from the perspective of cultural-historical theory, according to Vygotsky, its main representative. In this sense, it is also sought to understand the concept of mediation, as an articulating element between musical language and the pedagogical phenomenon, produced in the intersubjective plots of teachers and students. In this perspective, and with the contributions of the National Curricular Common Base (BNCC), which integrates music in the teaching of Art, the relevance of musical language in the citizenship formation of Basic Education students is identified. The present study is characterized as bibliographical research, supported by original works by Vygotsky and other authors who write about the subject in question, for a deep basement. It was found that music, as a language, is dynamic whose skills and*

1 Acadêmico do curso de mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL), Universidade Franciscana. Bolsista PROSUC/CAPEL. E-mail: marcelomassario@ufn.edu.br;

2 Professora do curso de mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL). Universidade Franciscana. E-mail: julianemm@ufn.edu.br;

3 Orientadora. Professora do curso de mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens (MEHL). Universidade Franciscana. E-mail: noemiboer@ufn.edu.br.

*actions, socially constructed, are mediated in the teacher-student interaction. Therefore, the reading of music, as a language, cannot do without the historical-cultural character, underlying all cultural manifestations.*

**Keywords:** *Cultural-historical theory. Song. Language. BNCC.*

## INTRODUÇÃO

Alguns teóricos concebem a música como uma linguagem universal, embora existam particularidades musicais em diferentes culturas. A partir dessa observação, pode-se afirmar que esse tipo de linguagem afeta o ser humano desde o seu nascimento. O primeiro som, ao nascer, caracteriza a voz dos pais e familiares, o som dos animais, o ruído da vizinhança, o som do cotidiano. Enfim, sons que permeiam a vida social, de forma similar, pelos quatro cantos do mundo. De acordo com Brito (2003, p. 25), “a linguagem musical tem sido interpretada, entendida e definida de várias maneiras, em cada época e cultura, em sintonia com o modo de pensar, com os valores e as concepções estéticas vigentes”. Sendo assim, a música, como linguagem, está presente na cultura humana desde tempos remotos, pois as primeiras civilizações utilizavam instrumentos primitivos para extrair algum tipo de som, como pedaços de madeira, pele, osso, entre outros.

Na perspectiva de Vygotsky<sup>4</sup>, como a linguagem musical poderia contribuir para os processos de ensino-aprendizagem? É importante destacar breves considerações sobre este pesquisador russo, pois suas bases teóricas avaliam possíveis influências da música, tendo em vista que, neste estudo, busca-se compreender a linguagem musical sob o ponto de vista do autor. Conforme indicado por Oliveira (2010, p. 51), “o ser humano possui processos mentais superiores, isto é, mecanismos psicológicos sofisticados mais complexos que envolvem o controle consciente do comportamento”. Ou seja, a relação humana com o mundo seria mediada tanto por instrumentos<sup>5</sup> de trabalho como por signos.

Seguindo essa premissa, Vygotsky dedicou-se ao estudo do processo de desenvolvimento cognitivo, relacionando-o à aprendizagem. Essas ideias continuam exercendo grande influência em pesquisadores e professores, que optaram por dar sequência a pesquisas dessa natureza, principalmente no que tange ao ato de educar, além do campo de ação da psicologia cognitiva. A utilização da música, durante as práticas pedagógicas, já é recorrente, conforme sua inclusão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como unidade temática do componente curricular Arte (BRASIL, 2017). Além disso, a música é responsável pelo desenvolvimento cognitivo e psíquico da criança. A partir desse ponto, convém discorrer sobre a música e suas teorias.

Na definição de alguns autores, a música é a arte de combinar sons. É constituída de melodia, ritmo e harmonia. Para Chediak (1986, p. 41), “melodia é uma sucessão de sons musicais combinados; ritmo é a duração e a acentuação dos sons e das pausas; e harmonia é a combinação dos sons simultâneos”.

4 Na pesquisa realizada, encontraram-se diferentes formas de escrita do nome desse autor. Optou-se por preservar a grafia original de cada fonte.

5 Os instrumentos que caracterizam a atividade humana podem ser do tipo físico (ferramentas que possibilitam modificar o ambiente) ou do tipo psicológico (signos ou sistemas de signos, a linguagem, além de outros, como sistemas numéricos, sistemas de representação gráfica e, em geral, todo tipo de sistema convencional) (SOLÉ GALLART, 1999, p. 100).

Sendo assim, em 2017, a BNCC inseriu a música como umas das linguagens, juntamente com artes visuais, dança e teatro, a fim de articular saberes relativos a produtos e fenômenos artísticos, que envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte (BRASIL, 2017).

Além das quatro linguagens mencionadas, a BNCC faz referências a uma quinta unidade temática, denominada Artes Integradas, que compreende a articulação entre as diferentes linguagens e suas práticas. Este documento ressalta que a linguagem musical, como expressão artística, possibilita tanto a produção de conhecimentos quanto o desenvolvimento de uma cultura musical no contexto escolar, o que possibilita a inserção e a participação dos estudantes na sociedade (BRASIL, 2017).

Portanto, conforme indicado pela BNCC, a música é a expressão artística que se materializa por meio dos sons, que ganham forma, sentido e significado no âmbito da sensibilidade subjetiva e das interações sociais, como resultado de saberes e valores diversos, estabelecidos no domínio de cada cultura (BRASIL, 2017). Assim, neste estudo, objetiva-se descrever a linguagem musical na perspectiva da teoria histórico-cultural, tendo Vygotsky como seu principal representante; procura-se também entender o conceito de mediação, como elemento articulador entre linguagem musical e o fenômeno pedagógico, produzido nos enredos intersubjetivos de professores e alunos.

Quanto à organização do texto, na sequência da introdução, descrevem-se os aspectos metodológicos, indicando-se as principais obras que fundamentam o estudo. A seção seguinte, apresenta-se uma breve descrição da vida e obra de Vygotsky. Na continuidade, discorre-se a respeito do tema pensamento e linguagem e, em seção posterior, apresentam-se considerações sobre linguagem musical, a partir de diferentes fontes. Nas considerações finais, estabelecem-se relações entre o pensamento vygotskiano e a linguagem musical.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

O delineamento metodológico do estudo é de natureza qualitativa cujos textos direcionam o material empírico (FLICK, 2009). Caracteriza-se também como uma pesquisa bibliográfica, de cunho exploratório, tendo em vista que, nas buscas realizadas, não foram encontradas publicações que vinculam, de maneira explícita, o ensino de música à teoria histórico-cultural, identificando-se, com isso, um aspecto inovador do estudo realizado. Nessa perspectiva, Gil (2019) destaca que os estudos exploratórios são utilizados, quando existem poucos trabalhos a respeito de um determinado assunto e, normalmente, de cunho descritivo.

A técnica da pesquisa bibliográfica está embasada em materiais elaborados por outros autores, por meio de fontes secundárias, decorrentes de pesquisas anteriores, disponíveis em documentos escritos, livros, artigos científicos, dissertações e teses. Em vista disso, o pesquisador utiliza categorias teóricas já trabalhadas por outros autores cujos textos tornam-se fonte de pesquisa (SEVERINO, 2007). No estudo realizado, foram consultadas obras originais de Vygotsky (1989; 1997; 2003) e de Luria (2005), traduzidas para o português, e obras de autores que escrevem a respeito da teoria histórico-cultural, linguagem e educação musical, bem como a BNCC (BRASIL, 2017).

## VIDA E OBRA DE VYGOTKY

Lev Semenovich Vygotsky nasceu em 17 de novembro de 1896, em Orsha, uma pequena cidade provinciana, na Bielo-Rússia. Sua família, de origem judaica, propiciava um ambiente bastante desafiador em termos intelectuais e estável no que diz respeito ao aspecto econômico. Seu pai, pessoa culta, trabalhava num banco e numa companhia de seguros. Sua mãe, apesar de ter dedicado grande parte de sua vida à criação dos filhos, era professora formada. Vygotsky cresceu e viveu, por um longo período, em Gomel, também na Bielo-Rússia, na companhia de seus pais e de seus sete irmãos. Casou-se aos 28 anos, com Rosa Smekhova, com quem teve duas filhas. Faleceu em Moscou, em 11 de junho de 1934, vítima de tuberculose, doença que o acometeu durante quatorze anos (REGO, 2014).

Vygotsky começou sua carreira aos 21 anos, após a Revolução Russa de 1917, na cidade de Gomel. Ali, fundou ainda uma editora, uma revista literária e um laboratório de psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, local onde ministrava cursos de Psicologia. O interesse de Vygotsky pela psicologia acadêmica começou a se delinear a partir de seu contato, no trabalho de formação de professores, com crianças portadoras de defeitos congênitos, como cegueira, retardo mental severo, afasia, entre outros. A experiência o estimulou a encontrar alternativas para ajudar no desenvolvimento de crianças com essas deficiências. Na verdade, seu estudo sobre a deficiência (tema a que se dedicou durante vários anos) tinha não somente o objetivo de contribuir na reabilitação das crianças, mas também compreender os processos mentais humanos, assunto que viria a ser o centro de seu projeto de pesquisa (REGO, 2014).

Sendo assim, diversos estudos de Vygotsky foram inspirados por outros, por meio de suas aulas e conferências. Formou-se em Direito, atuou como professor de Literatura e Psicologia, além de ter sido sócio em uma editora que, devido à crise política, funcionou por um breve período (OLIVEIRA, 2010). Enquanto seguia suas pesquisas, vivenciou a Revolução Russa, ocasião de pressões políticas intensas, críticas severas, concomitantes aos avisos médicos de sua possível morte. Por outro lado, manteve-se firme em seu propósito, voltado à construção do conhecimento psicológico como ao desenvolvimento do ser humano e suas relações com o mundo. No ano de 1926, Vygotsky escreveu *Psicologia da arte* e, em 1934, ano de sua morte, foi lançado o livro *Pensamento e Linguagem* (OLIVEIRA, 2010).

De acordo com seus estudos, Vygotsky descobriu que a capacidade de alcance da linguagem pela criança é determinada pela hereditariedade. Mas não só, como também pela contribuição de um contexto social, baseado em um tipo de aprendizagem específica. Segundo Ivic (2010, p. 18), “a contribuição da aprendizagem deve-se ao fato de que ela coloca à disposição do indivíduo um instrumento poderoso: a língua”.

Com seus estudos, Vygotsky tornou-se o principal representante da teoria histórico-cultural, que considera o aspecto social como indispensável ao desenvolvimento das funções especificamente humanas, dentre elas, as funções superiores, como o pensamento, a memória, a atenção e a linguagem. Portanto, concebe o ser humano como um ser social, que produz suas condições de vida por meio de instrumentos que configuram a realidade objetiva, da mesma forma que é transformado pelas condições materiais de existência.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE PENSAMENTO E LINGUAGEM

Os estudos relativos ao pensamento e à linguagem são considerados temas complexos, e Vygotsky dedicou grande parte da sua vida a esse trabalho. Juntamente com seus assistentes, Luria e Leontiev, esses autores apontaram contribuições importantes ao assunto, principalmente no que se refere à questão das raízes genéticas entre o pensamento e a linguagem. Rego (2014, p. 63) afirma “que a relação entre o pensamento e a fala passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo”. Isso quer dizer que, embora as crianças tenham origens diferentes e venham a ter contato com outro grupo cultural, o pensamento e a linguagem se complementam, dando início ao modo de funcionamento mais sofisticado, tipicamente humano.

A conquista da linguagem representa um marco no desenvolvimento humano: “a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superarem a ação impulsiva, a planejarem a solução para um problema antes de sua execução e a controlarem seu próprio comportamento” (VYGOTSKY, 1989, p. 27). Ou seja, a linguagem não só expressa o pensamento da criança, como também age como organizadora desse pensamento. Conforme aponta o autor, isso se processa por meio da comunicação, o contato social, que é a parte primordial da fala, o que certifica que o desenvolvimento da linguagem é impulsionado pela necessidade de comunicação. Portanto, mesmo a fala mais primitiva da criança é social.

Nos primeiros meses de vida, o balbúcio, o riso, o choro, as expressões faciais ou as primeiras palavras da criança cumprem não somente a função de alívio emocional (por exemplo, a manifestação de conforto ou incômodo) como também são meios de contato com os membros de seu grupo (REGO, 2014). Todavia, esses sons, gestos ou expressões são bastante difusos, pois não indicam significados específicos, como o choro pode significar fome, cólica abdominal, entre outros.

Como se observa, para Vygotsky (1989), pensamento e linguagem são processos interdependentes, desde o início da vida. Na criança, os processos psicológicos elementares são reflexos de origem biológica, genéticos e maturacionais. No entanto, por volta dos sete anos de idade, quando pensamento e linguagem “colam” um no outro, não se separam mais (OLIVEIRA, 1992). Nesse momento, já ocorreu a internalização da linguagem, de maneira que é possível escrever, desenhar ou representar o próprio pensamento.

Luria (2005) escreve que o pensamento é um processo psíquico, de reflexão generalizada e mediada pelas relações e leis essenciais entre objetos da realidade ou entre as qualidades, por meio das operações de análise, síntese, comparação, abstração, generalização e classificação. Com base nisso, o pensamento é uma atividade cognitiva altamente organizada, que se define como a cognição mediada pela linguagem. Os processos psicológicos superiores são de origem sociocultural, mediados pelos signos. O autor explica que as características dos processos nervosos superiores, relativos à atenção, memória e razão, surgem com o desenvolvimento da linguagem. Para isso, é útil examinar como os animais adquirem comportamentos.

Entende-se que a maior parte do comportamento dos animais não humanos é instintiva e estereotipada para cada espécie. Isso notifica que, no código genético de cada espécie animal, está pré-determinada a forma como o macho seleciona a fêmea para acasalamento ou a forma de se alimentar.

Cabe observar que uma ave de uma determinada espécie constrói o seu ninho sempre do mesmo jeito. O formato de forno da casinha do João-de-Barro (*Furnarius rufus*), por exemplo, é sempre o mesmo, e a posição da porta é de tal modo que impede a entrada do vento. Outro aspecto que pode ser lembrado refere-se ao comportamento aprendido por reflexos condicionados, conforme estudos de Pavlov<sup>6</sup>.

Em contraponto, Luria (2005) explica que, entre os animais, não existe história, existe apenas evolução. Nos humanos, a maior parte do comportamento é aprendido socialmente. O autor defende que o comportamento humano, herdado, está ligado apenas aos instintos de sobrevivência e de manutenção da espécie, como o instinto da fome, sede, sexo, defesa. Sendo o comportamento de origem social, explica que a assimilação da linguagem oral leva a uma generalização verbal e este é um fator de desenvolvimento. A aquisição da experiência social leva à formação mental e aí começa a história: o comportamento como produto da história social e não como produto biológico.

Portanto, de acordo com Luria (2005) e Vygotsky (1997), a linguagem é a base do pensamento. Desse modo, o desenvolvimento mental e a aquisição da experiência humano-social ocorrem por meio da linguagem, a maior conquista da espécie humana. Com base nisso, é possível questionar: por que a existência da dimensão histórica no pensamento vygotskiano? Porque, quando o ser humano assimila a linguagem oral, assimila também as experiências humanas e se apropria do conhecimento constituído ao longo da história. A linguagem é um processo psíquico, específico, humano, interindividual e contínuo, que serve para refletir a realidade por meio da língua. É interindividual, isto é, expressa-se para fora e tem um componente motor. A linguagem é uma atividade complexa que inclui outros processos psíquicos: pensamento, emoção, atenção (LURIA, 2005).

De acordo com Vygotsky (1997), a linguagem desempenha diferentes funções: nominativa (que nomeia); significativa (simbólica); comunicativa (transmissão de informação); regularizadora (tradução de ordens); intelectual (formação do pensamento); social-histórica (transmissão da experiência humana). Ainda, vale mencionar que a linguagem se distingue em três tipos:

- a) Linguagem social (externa): serve à função de comunicação.
- b) Linguagem egocêntrica: assegura a passagem da linguagem externa para a linguagem interna (internalização).
- c) Linguagem interna: tem a função de regularização do psíquico e assegura a verbalização do pensamento.

Com base nos estudos de Vygotsky (1997) e Luria (2005), o desenvolvimento da linguagem compreende três períodos: fonético, gramatical e semântico, que são característicos em cada idade, com diferentes manifestações externas, conforme sumariado no Quadro 1.

---

<sup>6</sup> Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, é conhecido principalmente pelo seu trabalho no condicionamento clássico. Foi premiado com o Nobel de Fisiologia, em 1904, por suas descobertas sobre os processos digestivos de animais. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/ivan\\_pavlov/](https://www.ebiografia.com/ivan_pavlov/).

**Quadro 1** - Demonstrativo dos períodos, tipos e manifestações externas da linguagem.

PERÍODO	TIPO	MANIFESTAÇÕES EXTERNAS
Fonético (até 2 anos)	Social	A primeira forma é a linguagem externa: em voz alta (1 a 2 anos).
Gramatical (até 3 anos)	Egocêntrico	A segunda forma é a linguagem egocêntrica: linguagem-ordem-comentário, pois, aos 3 anos, atinge 75% de toda a fala.
Semântico (depois dos 3 anos)	Interno	A terceira forma é interna: depois dos 7 anos, a linguagem passa a ser predominante, porque permite a expressão do pensamento.

Fonte: elaborado pelos autores.

Como fechamento desta seção, é importante considerar que o desenvolvimento pré-natal compreende um princípio quase totalmente orgânico, que promove o desenvolvimento fetal. Com o nascimento, este primeiro princípio orgânico se modifica e passa a ser substituído por um segundo princípio: o princípio da realidade externa que é social (OLIVEIRA, 1992; VIGOTSKI, 2003). O ser humano chega ao mundo com uma herança biológica, mas o código genético é “notavelmente aberto e que fixa pouco [...]”, explica Solé Gallart (1999, p. 142), de modo que o determinante, no desenvolvimento da pessoa, é o social. A autora ressalta que o controle da conduta, os sentimentos, as emoções, o uso da linguagem, como um meio de comunicação e instrumento de pensamento, são aprendizagens inseparáveis dos processos de socialização e de aculturação social.

Nesse sentido, é relevante mencionar o trabalho desenvolvido por Corrêa (2016) em que a autora identifica, no pensamento vigotskiano, uma das fontes de inspiração e base epistemológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). Esta teoria compreende a linguagem numa perspectiva social e discursiva, elaborada a partir da contribuição de diversos estudiosos, entre eles, Vigotsky.

Considera-se, assim, que os aspectos mencionados nesta seção são fundamentais para a compreensão da música, como linguagem múltipla e de manifestação artística, o que propicia bem-estar, alegria e emoções.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE LINGUAGEM MUSICAL

Na ótica de alguns autores, a linguagem musical possui diversos entendimentos. Alguns conceitos sofrem uma pequena alteração, conforme postula cada autor, visto que alguns teóricos trazem consigo suas próprias experiências musicais. Consoante ao ponto de vista de Schafer (1995, p. 25), “música é alguma coisa de que se gosta; música é som organizado com ritmo e melodia; música é som agradável aos ouvidos; música é arte ou música é uma atividade cultural relativa ao som”. Por outro lado, “música é sons, sons à nossa volta, quer estejamos dentro ou fora das salas de concerto”, respondeu John Cage a Murray Schafer, quando questionado a esse respeito. Para Cage, a escuta torna a música aquilo que antes não era classificado como música, como buzinas ou motores de carros. Para Brito (2003 p. 27), “a construção musical se dá no nível interno, pela ação de uma escuta intencional, transformadora, geradora de sentidos e significados”, ou seja, o ouvinte também é um ouvinte-compositor, e as relações, entre esses sinais sonoros, tornam-se música pela interação estabelecida entre os mundos subjetivo e objetivo: dentro e fora, silêncio interno (BRITO, 2003).

Dessa forma, é fato que alguns teóricos possuem uma visão bastante distinta sobre a linguagem musical, e algumas definições destoam significativamente, mas todos esses conceitos são importantes para se entender como se faz música e, principalmente, como se pode reconhecê-la por meio dos sons. Mas, afinal, como surgiram as notas musicais? Suas origens remontam à época medieval, e elas não possuíam nomes, o que dificultava sua memorização. Então, o monge italiano Guido D'Arezzo, no séc. XI, criou um sistema para denominar as notas. Sendo assim, as seis primeiras notas, dó, ré, mi, fá, sol, lá e si, vieram das sílabas iniciais das seis primeiras frases do hino de louvor a São João Batista, que é padroeiro dos cantores medievais. Dessa forma, as sílabas viraram os nomes das notas, como se conhece hoje, facilitando o aprendizado e o estudo da música (FREIRE, 2008).

A partir das considerações a respeito da música, como uma das linguagens do componente curricular Arte, segundo a BNCC (BRASIL, 2017), e da posição dos autores consultados, infere-se que a linguagem musical é múltipla e tem sua origem nas necessidades humanas de comunicação. Esse argumento é reforçado por Aguiar (2004) que situa a linguagem como essencialmente social, porque, desde os tempos primitivos, o ser humano precisava interagir com os seus semelhantes para garantir a subsistência e continuidade da espécie. Ainda, segundo essa autora, as linguagens, organizadas em sistemas, são conhecidas e usadas pelas pessoas que, de acordo com seus interesses e necessidades, alteram os signos<sup>7</sup> que formam os sistemas de linguagem verbal e não verbal.

Na linguagem verbal, “o significante<sup>8</sup> é a imagem acústica, o som que forma as palavras” [...], e o significado é o conceito” (AGUIAR, 2004, p. 40), isto é, como a pessoa percebe a palavra. A linguagem não verbal, como a música e a pintura, também se vale de signos que compõem os significantes como som, cor, forma, entre outros, e dos significados, expressos por conceitos.

Os aspectos pontuados por Aguiar (2004) são relevantes para o entendimento da música, como linguagem não verbal, mas também deve ser ensinada desde cedo na escola, tendo em vista que o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão, no processo de aprendizagem em Arte. Nas palavras de Vygotsky (2003, p. 233), “[...] arte não é um complemento da vida, mas o resultado daquilo que excede a vida do ser humano”. Nessa afirmativa, o autor mostra que a arte só pode existir como superabundância da vida, relacionada à dimensão espiritual, com valor cognoscitivo, moral e emocional do ser humano.

## **CONCEITO DE MEDIAÇÃO E APRENDIZAGEM MUSICAL**

De acordo com Oliveira (1992), uma ideia central para a compreensão do pensamento vigostkiano sobre o desenvolvimento humano, como processo sócio-histórico, é a ideia de mediação. Este conceito inclui dois aspectos complementares. Um refere-se aos processos de representação mental, de natureza simbólica, que representa os objetos, situações e eventos do mundo real no universo psicológico da pessoa. A capacidade do ser humano em lidar com representações possibilita fazer relações mentais com a ausência de referentes concretos. Com isso, é possível imaginar coisas jamais vivenciadas, fazer planos,

7 Signos verbais: são expressos por palavras escritas ou faladas. Signos não verbais: são signos visuais, como os gestos, postura, ilustrações, placas, música etc. (AGUIAR, 2004).

8 Significante: é sempre material, como sons, objetos, imagens, sempre ligado a um significado (AGUIAR, 2004).



transcender o espaço e o tempo. Segundo a autora, a capacidade de operar com sistemas simbólicos - com consequente desenvolvimento da abstração e da generalização - define o salto para os processos psicológicos superiores, tipicamente humanos, como a linguagem.

O segundo aspecto, apontado por Oliveira (1992, p. 27), refere-se ao “fato de que os sistemas simbólicos que se interpõem entre sujeito e objeto de conhecimento têm origem social”. É a cultura que fornece os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permitem a interpretação do mundo real. A autora reforça que, ao longo do seu desenvolvimento, o ser humano internaliza formas culturalmente dadas de comportamento, num processo em que atividades externas se transformam em atividades internas, intrapsicológicas (OLIVEIRA, 1992). Por conta disso, as funções psicológicas superiores - pensamento, linguagem - baseadas na operação com sistemas simbólicos, são construídas de fora para dentro, processo que Vygotsky definiu como internalização.

Esses dois aspectos que caracterizam o conceito de mediação são importantes para a aprendizagem musical, porque possibilitam integrar o conhecimento musical por meio de uma apropriação cultural do que está sendo ensinado e visto pela primeira vez. Além disso, o primeiro contato com um instrumento musical traz consigo um sistema simbólico, representando a realidade, mas ainda permeado por várias culturas, pois os instrumentos musicais são intérpretes de diferentes apropriações culturais. Em um contexto globalizado, é inevitável não se apropriar de outras culturas, pois a troca de informações é quase que imediata. Isso vem ao encontro da internalização, mencionada anteriormente.

Cada instrumento musical tem sua origem em uma determinada cultura. É o caso da viola caipira, que possui raízes na música sertaneja. Alguns instrumentos tradicionais do samba, o violão, o cavaquinho e o pandeiro foram trazidos pelos portugueses. Segundo Alvito (2013, p. 1582), “o violão, indispensável em qualquer roda que se preze, é um instrumento proveniente de Portugal, já conhecido na Idade Média”. E o cavaquinho? Praticamente um sinônimo do samba, não só veio de Portugal como foi criação lusitana. No caso do pandeiro, há quem mencione que ele era conhecido na Pré-história pelos gregos, mas aqui, no Brasil, ele foi trazido pelos portugueses. Sendo assim, os instrumentos musicais ensinam que uma roda de samba, por exemplo, é o fruto do encontro de diversas culturas (ALVITO, 2013). Desse modo, a pessoa que aprende a tocar qualquer instrumento musical se apropria também da cultura e do conhecimento constituído ao longo da história.

Na perspectiva vigotskyana, os instrumentos musicais são ferramentas físicas que possibilitam modificar o ambiente e viabilizam a mediação entre o músico que opera e o público ouvinte ou entre o professor que ensina e o aprendiz de música. Portanto, o que está sendo ensinado e aprendido funciona como uma espécie de ponte, que faz a mediação entre o emissor e o receptor por meio de um sistema simbólico que combina linguagem e aprendizagem. Por consequência, a linguagem musical comunica tanto a quem a ensina quanto a quem a aprende. Em outra acepção, a sensibilidade proveniente da música tem a capacidade de emocionar a todos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, objetivou-se descrever a linguagem musical na perspectiva da teoria histórico-cultural, conforme Vygotsky, seu principal representante. A partir da posição teórica dos autores consultados,

das orientações da BNCC e das reflexões propiciadas pela análise dos textos, elaboraram-se conclusões, descritas a seguir.

Nesses termos, uma conclusão teórica refere-se às funções e tipos de linguagem na perspectiva vygotskiana. A primeira linguagem de que o ser humano se apropria, nos dois anos iniciais de vida, é de origem social e externa, e serve à função de comunicação. Na sequência, por volta dos 3 e 4 anos, a criança passa para uma fase de linguagem egocêntrica importante, porque esta fase assegura a passagem da linguagem externa para a linguagem interna (internalização). Por último, a terceira forma de linguagem é interna, predominante a partir de 7 anos, com função de regularização do psíquico, assegurando a expressão oral e escrita do pensamento, importante para a efetivação dos processos de alfabetização e letramento. A linguagem interna, uma vez instalada, prossegue por toda a vida do indivíduo.

Entender o conceito de mediação, como elemento articulador entre linguagem musical e o fenômeno pedagógico, produzido nos enredos intersubjetivos de professores e alunos, constituiu-se no segundo objetivo específico deste estudo. A esse respeito, considera-se que a música, enquanto linguagem, é dinâmica, com habilidades e ações específicas do ser humano, necessárias à obtenção de ritmos a partir de movimentos corporais e de instrumentos musicais. Pela visão da teoria histórico-cultural, essas habilidades não se desenvolveram de forma natural na criança ou no aprendiz de música, foram construídas socialmente e mediadas na interação professor aluno.

Em síntese, isso significa que o modo de desenvolvimento da sociedade influencia na construção da consciência e na conduta humana, o que justifica considerar a historicidade como algo intrínseco à formação do psiquismo humano, ou seja, o caráter material da existência humana. Portanto, a leitura que se faz da música, enquanto linguagem, não pode prescindir do caráter histórico-cultural, subjacente a toda e qualquer manifestação musical.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.
- ALVITO, Marcos. **Histórias do samba**. São Paulo: Matrix, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular**, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 24 set. 2021.
- BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. 5. ed. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CHEDIAK, Almir. **Harmonia & improvisação**. 10. ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1986.
- CORRÊA, Marcia Cristina. Linguagem, interação e trabalho docente. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 41, n. esp, p. 03-19, jan. /jun. 2016. DOI: 10.17058/signo.v1i1.7321. Disponível em: <https://bit.ly/3AOvO3l>. Acesso em 05 jan. 2022.
- FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, Ricardo Dourado. Sistema de solfejo fixo-ampliado: uma nota para cada sílaba e uma sílaba para cada nota. **Opus**, v. 14, n. 1, p. 113-126, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. rev. atual. São Paulo: Atlas, 2019.

IVIC, Ivan. (org.) **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Massangana, 2010.

LURIA, Alexander R. O papel da linguagem na formação de conexões temporais e a regulação do comportamento em crianças normais e oligofrênicas. In: LEONTIEV, A. et al. **Psicologia e pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. São Paulo: Centauro, 2005.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 6. ed. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2010.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHAFER, Murray R. **O Ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 1995.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. ver. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOLÉ GALLART, Isabel. As práticas educativas como contexto de desenvolvimento. In: COOL César Salvador (org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 136 -151.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fonte, 1997.

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.